

AS METÁFORAS NOS TEXTOS CIENTÍFICO

Patrícia Luciano de Farias Teixeira (UFT)

patylft@gmail.com

Elizany Alves de Araújo (UFT)

Quem escreve um texto científico busca evitar a subjetividade, a ambiguidade, primando pela clareza e objetividade na divulgação dos dados; evita termos ambíguos, já que pretende que o significado das suas palavras seja unívoco. Portanto, espera-se não haver traços metafóricos nestes textos. Aristóteles foi um dos que, primeiramente, definiu que metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra. Ele sustentava que a metáfora estava vinculada aos domínios da retórica e da poética. (ARISTÓTELES, 1996, cap. XXI, 1457b-6, p. 92). Porém, vários estudiosos da metáfora, como Black (1962, 1992, 1993), Lakoff e Johnson (2002), Leezenberg (2001), Moura (2012) e Fossile (2015), vão além da visão simplista e delimitada de Aristóteles, afirmando que as metáforas geram novos significados e criam mais do que identificam similaridades. Eles sustentam que uma mesma sentença pode receber diferentes interpretações em contextos diversos. As metáforas são de natureza conceptual, são importantes instrumentos de nosso aparato cognitivo e essenciais para nossa compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos. Onipresentes, estão em todos os lugares. A possível presença de metáforas nos textos científicos sugere algo análogo a uma inexatidão ou subjetividade da apresentação dos fatos e resultados, o que, teoricamente, comprometeria a clareza de entendimento ao leitor ou até mesmo daria margem à dupla interpretação da mensagem transmitida. De fato, isso pode ser suficiente para derrubar meses de pesquisa. Este artigo propõe a verificação da presença ou não da metaforicidade nas palavras de textos científicos, retirados da base de dados Scielo de áreas de conhecimento bem distintas. Faz-se também uma breve abordagem sobre alguns estudos da metáfora e de como se utiliza deles para explicar a existência ou não de metáforas nos estudos escolhidos para a análise.